

>> *Temática Especial*

Os corpos femininos entre o lírico e a imanência: possíveis intertextualidades em Beauvoir e Drummond

Catarina Barbosa Torres Gomes*
Érica Daniela de Araújo**

Resumo:

Neste relato, abordamos uma experiência realizada no âmbito de um Programa de Extensão sobre Gênero intitulado (nome do programa suprimido), o qual se alinha às políticas de extensão do (nome da instituição suprimido), ao longo do ano de 2021. Dentre as atividades realizadas no contexto do referido Programa, enfocamos a relação entre o “corpo” imanente, como reivindica a obra da filósofa Simone de Beauvoir, e os corpos simbolizados em um poema de Carlos Drummond de Andrade, “Caso do vestido”. Nosso objetivo foi explorar as intertextualidades que permeiam as diferentes representações do corpo feminino presentes nos referenciais teóricos, isto é, os textos da filósofa na obra “O Segundo Sexo” e do poeta, em “Caso do vestido”, ao público de estudantes do ensino médio e da comunidade acadêmica. Para tanto, desenvolvemos uma metodologia que consistiu no planejamento, no desenvolvimento e na realização de uma oficina, estruturada em quatro tempos: apresentação dos autores e traços de suas biobibliografias; leitura de seus textos; desenvolvimento de atividades interativas e avaliação.

Palavras-chave:

Feminino. Poesia. Filosofia. Leitura. Intertextualidade.

The feminine bodies between the lyric and immanence: possible intertextualities in Beauvoir and Drummond

Abstract: *In this report, we address an experience carried out within the scope of an Extension Program on Gender entitled (name of the program deleted), carried out within the scope of the extension policies of (name of the institution deleted), throughout 2021. Among the activities carried out in the in the context of the aforementioned Program, we focus on the relationship between the immanent “body”, as claimed by the work of the philosopher Simone de Beauvoir and a poem by Carlos Drummond de Andrade, and “Dress Case”. Our objective was to explore the intertextualities that permeate the different representations of the female body present in theoretical references, that is, the texts of the philosopher in the work “The Second Sex” and of the poet, in the work and “Case of dress”, to the student audience*

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Professora de Filosofia e Sociologia do CEFET/MG. Email: catarinagomes@cefetmg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6133-7908>.

** Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). Professora de Língua Portuguesa e redação do CEFET/MG. Email: ericadanielaaraujo@cefetmg.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1023-4575>.

high school, and the academic community. Therefore, we developed a methodology that consisted of planning, developing, and conducting a workshop, structured in four stages: presentation of the authors and traces of their biobibliographies; reading your texts; development of interactive activities and evaluation.

Keywords: *Feminine. Poetry. Philosophy. Reading. Intertextuality.*

Los cuerpos femeninos entre la lírica y la inmanencia: posibles intertextualidades en Beauvoir y Drummond

Resumen: *En este informe abordamos una experiencia realizada en el ámbito de un Programa de Extensión en Género titulado (nombre del programa eliminado), realizado en el ámbito de las políticas de extensión de (nombre de la institución eliminado), a lo largo de 2021. Entre las actividades realizadas en el En el contexto del citado Programa, nos centramos en la relación entre el “cuerpo” inmanente, como lo reivindica la obra de la filósofa Simone de Beauvoir y un poema de Carlos Drummond de Andrade, y “Caso do Vestido”. Nuestro objetivo fue explorar las intertextualidades que impregnan las diferentes representaciones del cuerpo femenino presentes en los referentes teóricos, es decir, los textos del filósofo en la obra “El segundo sexo” y el poeta, en la obra y “Caso de vestir”. , a la audiencia de estudiantes de secundaria y la comunidad académica. Por ello, desarrollamos una metodología que consistió en planificar, desarrollar y realizar un taller, estructurado en cuatro etapas: presentación de los autores y trazos de sus biobibliografías; leer sus textos; desarrollo de actividades interactivas y evaluación.*

Palabras clave: *Femenino. Poesía. Filosofía. Lectura. Intertextualidad.*

Introdução

Neste relato, apresentamos uma experiência de oficina realizada no âmbito do Programa (informação suprimida). A oficina intitulada “Das leituras do corpo por Beauvoir aos Corpos Líricos da Literatura” foi realizada no dia 10 de junho de 2021, em ambiente virtual, para um público de estudantes do ensino médio da comunidade interna e externa ao (informação suprimida).

Definimos como objetivo principal a necessidade de se apresentar uma relação entre o corpo, na teoria feminista de Simone de Beauvoir, constante na obra *O Segundo Sexo*, e as representações líricas e imagéticas do corpo, no poema “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado na obra *A Rosa do Povo*.

A experiência consistiu principalmente na possibilidade de se propiciar um ambiente de leitura dialógica, portanto, interpretativa, por meio da qual os participantes pudessem interagir entre si e conversar a respeito das relações que se implicam no tema e como essas os afetam. Exploramos, ainda, a relação entre a filosofia e a poesia, buscando despertar os participantes para a natureza central da temática no âmbito das vivências escolares.

Contextualização do tema

O corpo como a inspiração para o poeta e como luta para a filósofa pode se entrelaçar na imagética humana? Os corpos líricos e imanentes carregam diferentes significados? Entendemos que, para o poeta, é a verve, enquanto para a filósofa, é a imanência, lugar, *topos* de sua vida, seu veículo de resistência e suporte.

A poesia e a filosofia. Uma é arte, a outra o fundamento que resgata sentido ao humano. Nesse encontro, enquanto a filósofa se debruça sobre o impotente conceito de “corpo”, atributo

universal, não somente feminino, mas que é tomado como coisa, propriedade, objeto de desvios, proibido e mutilado, para ressignificá-lo pela potência das ideias e do ser-estar, socialmente; o poeta empresta-lhe uma tecitura que se enreda na figura de um vestido, ou nas figurações do efêmero e do permanente. O tema é, portanto, um pressuposto teórico, que se configura tanto na Literatura como “belo”, como “idealização lírica”, quanto na Filosofia, como “elemento da crítica”, reverberando as vozes da resistência e revisando a própria história.

No escopo dessas relações, vão se constituindo os diálogos, os quais reverberam o contexto social. A desigualdade de gênero tem sido uma premissa recorrente na convivência entre os membros da comunidade acadêmica do (informação suprimida), o qual, certamente, apenas ecoa, (re)produzindo as vivências sociais. Diante desse fenômeno, muitas vezes vivenciado na escola, na forma de cobrança por ações mitigadoras de preconceitos, machismos e sexismo, é que o “corpo” emerge, não apenas como conceito, mas também como matéria-prima para a resistência, para a reivindicação por justiça, para a luta contra sua objetificação, bem como pela luta contra a falta de liberdade. Ainda na puberdade a menina vive como se “menstruar fosse a sua última chance para poder se afirmar como um ser autônomo, como um adulto, como - mulher, porém ela descobre que - tornar-se mulher, mesmo no sentido biológico, não consiste em tornar-se um ser humano autônomo, mas em tornar-se objeto” (BEAUVOIR, 2014, p. 405-406).

Ante ao exposto pela filósofa, abordar os “corpos” sociais, estabelecendo para tanto um diálogo entre Filosofia e Literatura, no espaço escolar, significa abordar uma temática rica em sentidos por ser constituída por relações humanas, para além dos itinerários curriculares. Como bem afirmam Trombetta e Pinto (2020, p. 13), “a escola é no fazer e saber, elaboração expressa pela voz [...] um lugar de transcendência e mobilidade social, que tem a potência de viabilizar um projeto de mulher e profissional que se encontra em curso”. Na escola encontramos os corpos em sua diversidade, para além de seus valores estéticos. Corpos sociológicos, implicados na dinâmica de uma cultura marginal em relação ao currículo, mas dominante nas relações sociais. Convivemos com todas as formas de corpos, do corpo Cisgênero ao corpo transgênero, do corpo negro ao corpo branco, do corpo magro ao corpo obeso, do corpo jovem ao corpo velho, do corpo aprisionado ao corpo liberto. Logo, é a partir dessa diversidade que devemos nos situar, e é a partir dela que se apresenta nossa abordagem. A filosofia traz o fio condutor para que possamos elaborar nossas discussões, não apenas diante da comunidade acadêmica, mas, junto com ela, de modo participativo. Por isso, trouxemos o poema, como o amálgama entre o sentido filosófico dessa *res extensa*, unidade corpórea, e o sentido lírico, pulsional.

Assim, cabe compreender como, por meio do referencial teórico beauvoiriano, o corpo da mulher é situado na Filosofia.

Referencial teórico

A tradição filosófica separou, há milênios, o corpo e a mente. Antes mesmo da Filosofia, o mito de Eros e Psiquê opunha o corpo, em um simbolismo relacionado à fraqueza e à vontade, e à Psiquê, à razão, sempre sedenta por luz. Essa separação permaneceu ao longo da humanidade, corpo e mente, corpo e alma (*nous*), sendo o corpo o correspondente à vergonha, e a alma, às virtudes. Essa cisão filosófica se aprofundou ao longo da história e ganhou diferentes interpretações, encontrando terreno fértil na maior parte das doutrinas religiosas que culpabiliza o corpo e determina que ele é a fonte de todos os males. O corpo torna-se, então, duplamente condenado. Nesse cenário, o corpo da mulher passa a ser entendido como fonte do mal.

Essa discussão sobre a cisão entre corpo e mente também é abordada a partir da perspectiva da moralidade, redundando nos compêndios da Ética. Filósofos críticos da modernidade, como Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, erigem em suas obras profundas análises em que

atestam que a moralidade é instrumento de controle, de poder, a qual se mostra como uma verdade absoluta, alterando a relação da humanidade com a liberdade. A liberdade do corpo, para o corpo, é uma impossibilidade social, porque esse deve estar sob vigilância e ser punido. Nesse sentido, rememoram-se os estudos de Foucault (2008), que apontam para o quanto as instituições educacionais se assemelham às prisões, muito embora, não abordem apenas o corpo feminino, como Beauvoir (2014) que define a mulher como seu mais importante objeto de estudo e, nessa dinâmica analítica, ela não apenas confronta as heranças da culpa, como também realiza um longo estudo acerca dos processos sociais que naturalizam a desigualdade da mulher na sociedade patriarcal. Ao fazê-lo, Beauvoir busca ressignificar a posição da mulher no mundo. Por isso, foi capaz de se fazer ouvir até pelas mais surdas correntes de pensamento e ações que dominavam a humanidade até a segunda metade do século XX. Isso porque inaugurou uma nova era na Filosofia, ao publicar *O Segundo Sexo*, que, em dois volumes, torna-se, em 1949, uma das obras mais célebres e controversas no mundo. A autora, dona de uma bibliografia extensa, que se edifica entre muitos ensaios e romances, alguns deles premiados pela crítica, privilegiou, em seus escritos, as bases para as ideias da “segunda onda do feminismo”¹.

A filósofa atribui um papel central à constituição da mulher, como uma possibilidade contínua, um corpo inacabado por estar em construção, e critica profundamente os parâmetros sociais que aprisionam esse corpo. Por isso, ela situa a mulher como um devir, um vir-a-ser, sintetizado na expressão: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2014, p. 11). Essa que é a expressão mais conhecida e contundente do livro, dado que denota a característica política com a qual Beauvoir investe sua concepção de mulher, refutando o mito da feminilidade e reivindicando o exercício da independência como condição de afirmação da mulher em “situação”, isto é, imanente, no mundo, em oposição a uma concepção idealizada de mulher.

Contra tal concepção, a autora afirma que “as mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano” (BEAUVOIR, 2014, p. 7). As contundentes críticas de Beauvoir sobre o modo como as mulheres estão inseridas em sociedade e como a sociedade condiciona a vida dessas mulheres interroga o modo como “a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas” (BEAUVOIR, 2014, p. 257). Isso posto, ser mulher, para a filósofa, implica em uma imanência que, desde o nascimento, incide sobre a mulher, a partir de seu corpo; um corpo que, muitas vezes, é mutilado, censurado, desfigurado e, principalmente, objetificado em sociedade.

Assim sendo, abordar as relações de gênero e sexualidade em sala de aula, refletindo sobre a condição social da mulher em diferentes contextos, na e pela literatura, possibilita-nos problematizar os estereótipos arraigados socialmente sobre ser mulher e (re)pensar maneiras de combatê-los e ressignificá-los em prol de uma sociedade mais humanizada. Nas palavras de Candido, a literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1995, p. 176). Logo, por meio da criação ficcional e poética, a qual propaga valores sociais, é possível “vivermos dialeticamente os problemas”, em nosso caso, com vistas a denunciá-los, combatê-los e negá-los (Cf. CANDIDO, 1995, p. 175).

Dito isso, por meio da leitura-interpretação do poema “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, buscamos empreender uma possível leitura sobre o corpo feminino nele presente. Após breve contextualização biográfica do poeta, canonicamente considerado da Segunda Geração Modernista (1930-1945), a qual, entre outras características, questiona a existência humana por meio de observações do cotidiano, focalizamos as discussões sobre as características da segunda fase drummondiana, a fase social, na qual o poema em análise, publicado na obra “Rosa do Povo” de 1945, se enquadra. Essa obra é considerada a mais politizada de Drummond, uma vez que versa sobre moral, sobre ordem política injusta, sobre perspectivas de uma nova ordem social, entre outros aspectos.

1 A “segunda onda do feminismo” constitui um período de atividade feminista que começou na década de 1960 nos Estados Unidos e se espalhou por todo o mundo ocidental e além. Ela foi precedida pela “primeira onda do feminismo” e sucedida pela “terceira onda do feminismo”, conforme Martins (2015).

O poema “Caso do vestido” é classificado, pela crítica, como abordagem temática do cotidiano, o que, de nosso ponto de vista, representa e situa socialmente o corpo feminino oprimido na dinâmica familiar construída sócio-historicamente. Por meio de 150 versos heptassílabos (sete sílabas poéticas), organizados em 75 dísticos (estrofes com dois versos), o poema, em ritmo recitativo, pausado e controlado, usando linguagem coloquial repleta de eufemismos, metáforas, elipses, anáforas, aliteraões e rimas internas, mescla as estruturas dramática, lírica e épica: dramática, principalmente, pelo diálogo estabelecido entre as personagens, o qual poderia ser encenado; lírica, por, em forma de versos, focalizar sentimentos e emoções; e épica por narrar por meio de apresentação, clímax e desfecho a ação “heroica” da personagem principal.

O poema em tela possibilita-nos problematizar as relações familiares e conjugais fortemente marcadas pelo autoritarismo decorrente da opressão patriarcal e denunciar o machismo arraigado socialmente — “Minhas filhas, boca presa./Vosso pai evém chegando”. Isso ocorre porque, no poema, narra-se a condição submissa de uma esposa-mãe, presa a valores estereotipados, a qual, traída pelo marido-pai, é questionada pelas filhas sobre o vestido pendurado à parede da casa, o qual, ao mesmo tempo, simboliza o sofrimento vivido e a eterna condição submissa de esposa.

Ao longo do texto, dois corpos femininos nos chamam a atenção: a esposa-mãe e a amante. A primeira, reduzida ao espaço doméstico, representa a figura da “mãe” e da “esposa”, humilhada pela traição do marido-pai e resignada por sua única condição de existência. A segunda, a “dona de longe”, “mulher do demo” e “dona soberba”, inicialmente, é representada marcadamente por sua sexualidade, mas, ao final, também humilhada por sua condição feminina, é abandonada pelo marido-pai, que “confessou que só gostava de [dela] como era dantes”, na posição de amante. São, pois, dois corpos femininos humilhados socialmente pela simples existência como mulher.

Embora se trate, conforme assinalamos, de um texto literário, o drama retratado no poema é um drama cotidiano, fomentado pelo patriarcalismo e pelo machismo estrutural; esse que enaltece o masculino, como no poema, que não sofre e que faz o que lhe convém por sua superioridade em todas as esferas sociais, e oprime o feminino, reduzindo sua existência a determinadas condições. Discutir essas construções sociais no espaço escolar, de modo a questioná-las, é fundamental para a construção de uma sociedade humanizadora.

Metodologia

A metodologia empregada dividiu-se em duas vertentes, sendo uma delas de natureza reflexiva, que incide sobre o conceito de corpo como uma categoria, contemplada pela análise de conteúdo, conforme Bardin (1979) e Minayo (2007). A outra vertente, seria de natureza teórico-prática, estruturada em etapas, que contemplaram a definição do conteúdo da proposta de trabalho; a escolha dos textos, a determinação da atividade que seria realizada pelo público, seguida da discussão entre ministrantes e participantes, haja vista que a oficina foi realizada em ambiente virtual e contou com a participação de estudantes e professores do (Informação suprimida) e da comunidade externa. Primeiramente, realizou-se a apresentação da temática e dos objetivos norteadores da proposta. Na sequência, descreveu-se sucintamente a biobibliografia de Simone de Beauvoir. Posteriormente, explorou-se o conceito “corpo” presente na obra “O Segundo Sexo”.

Feita essa primeira contextualização teórica, foi exibido um vídeo, disponibilizado no YouTube, em que Carlos Drummond de Andrade recita seu poema “Caso do vestido”, presente na obra *A Rosa do Povo*. Após essa exposição, os participantes foram convidados a participarem, motivados por perguntas, sobre o corpo representado no e por meio desse poema. Após as interações, uma atividade foi realizada por meio da plataforma Canva, plataforma interativa de *designs* gráficos, cujos resultados são apresentados e analisados na sequência. Ressaltamos, portanto, que a escolha dessa metodologia foi considerada a mais adequada porque foi uma atividade realizada em ambiente virtual, e, nesse caso, visamos contemplar a maior interatividade entre os presentes.

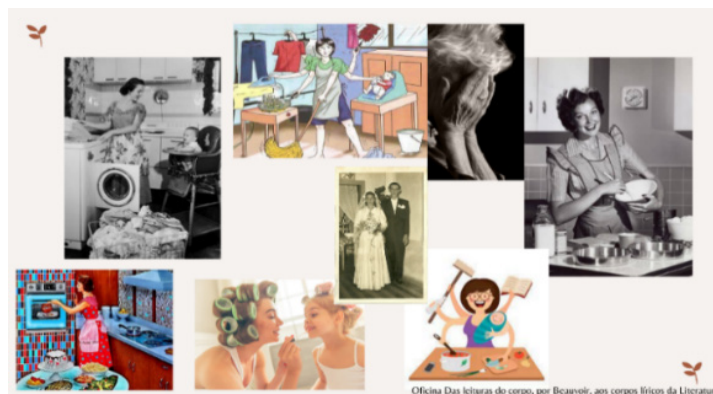
Resultados

- » **Atividade 1** – A abertura da Oficina foi realizada por meio da exibição de um vídeo, presente no YouTube, em que a atriz Fernanda Montenegro recita “Viver sem tempos mortos”, texto de Simone de Beauvoir, filósofa que motiva a discussão proposta.
- » **Atividade 2** – Expomos, na sequência, de que modo Simone de Beauvoir concebe o conceito “corpo” no âmbito de sua teorização. Para tanto, apresentamos uma breve biografia da filósofa, suas principais obras e conceitos.
- » **Atividade 3** – Após a exposição teórica, apresentamos um vídeo em que Drummond recita seu poema “Caso do vestido”.

O vestido nesse prego,
Está morto, sossegado
Nossa mãe, esse vestido,
Tanta renda, esse segredo!
(ANDRADE, 2011, p. 23)

No poema, há vários corpos discursivizados a partir de um eu-lírico, dentre os quais se destaca o corpo da “mãe”. Essa “mãe” é tratada por “mulher” somente quando o marido a ela concede ordens. O termo “mãe” aparece da primeira à sexagésima sétima estrofe, fato que ilustra a prevalência da função social “mãe” a esse corpo, única possibilidade de existência da mulher no contexto familiar e social retratado no poema. Essa redução existencial do corpo feminino é confirmada pelo apagamento de qualquer referência positiva a ela. Após as discussões sobre os corpos discursivizados por Drummond, pedimos aos participantes que selecionassem, na *internet*, a imagem de um corpo feminino que representasse essa “mãe” a partir de sua compreensão desse poema.

Figura 1 – Seleção de imagens relacionadas pelos participantes para a realização da terceira atividade



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Análise da atividade

Na Figura 1, as imagens selecionadas pelos participantes para representar o corpo da mulher “mãe” relacionam-se à imagem de uma mulher “do lar”, dedicada aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Ante a essas imagens, verifica-se que a compreensão da função social “mãe” enquadra esse corpo em estereótipos patriarcais. Vale ressaltar que, em nenhum momento, o autor caracteriza o corpo da mulher-mãe, personagem do poema. Nessa medida, nas leituras feitas sobre esse corpo, a “dona de casa” é pensada de modo despossuído de um corpo feminino, o que coincide com as análises de Beauvoir (2014, p. 145) sobre a mulher “do lar”:

Legiões de mulheres não têm por quinhão senão uma fadiga indefinidamente recomeçada no decorrer de um combate que jamais comporta uma vitória. Mesmo em casos mais privilegiados, essa vitória nunca é definitiva. Há poucas tarefas que se aparentem, mais do que as da dona de casa, ao suplício de Sísifo; dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada. (BEAUVOIR, 2014, p. 206).

Embora vivendo no século XXI, quando se espera certo avanço cultural, o poema ambienta-se em um espaço rural, mais arcaico e sob a dominação patriarcal mais violenta, assim como a obra da filósofa, que data do final da primeira metade do séc. XX. No que concerne à formação moral e cultural, observamos que a mitificação da mulher-mãe, do lar, ainda permanece como uma clausura que a encerra em uma perspectiva ascética, associada ao sofrimento e, de certa forma, à renúncia de si, do próprio corpo.

» **Atividade 4** – Por fim, solicitamos que os participantes selecionassem, na *internet*, imagens que representassem o vestido usado pela amante, citado no poema de Drummond.

Figura 2 – Seleção de imagens relacionadas pelos participantes para realização da quarta atividade



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Análise da atividade

A Figura 2 exhibe a seleção de imagens de vestidos associados à percepção do público participante sobre o corpo da amante do poema. Nota-se, também nesse caso, estereótipos de que o corpo da amante é “sensual”, na medida em que esse adjetivo pode ser associado à imagem construída no próprio poema, que menciona a renda do vestido e o corpo da mulher: “vestido que mais mostrava do que escondia o corpo da pecadora”.

A simbologia da peça de luxo, que direciona o poema, remete a um corpo idealizado, narrado pela esposa abandonada, mas também à ideia de que esse corpo, mais belo e exposto pela amante, já se perdera no tempo. No poema, a narrativa, embora pareça expor o corpo como efêmero, na verdade, o fixa, por meio do vestido, dependurado no prego, de modo visível, o qual atia a curiosidade das filhas que, não por acaso, são femininas e representam um imaginário sobre o corpo da mulher.

Na oposição “mãe” e “amante”, a imagem patriarcal dos corpos femininos se presentifica. O corpo do “homem-pai”, por sua vez, que deseja, que recebe o objeto de desejo, que o refuta, que abandona o lar desintegrando-o e que volta e o reintegra se mostra atemporal aos olhos da esposa, embora para ela e para a amante o tempo tenha sido um látego incessante.

Considerações finais

O poeta transita entre o tempo, de modo a nos permitir enxergar o permanente e o efêmero. Por meio do poema “Caso do vestido”, deslinda-se uma crítica não esclarecida ao patriarcado, tanto pela subserviência da esposa ao marido, quanto pela determinação do marido de ir e vir quando bem deseja. Ele é livre. Ademais, tal subserviência é também da amante, que se desintegra na trama, a tal ponto que dela se pode apenas vislumbrar o corpo, por meio da visão do vestido que permanece na parede como um *totem*.

Há uma dualidade que transcende o elemento temporal nos corpos femininos presentes no poema. As meninas-filhas são corpos que admiram a renda do vestido, desnudado na trama poética pela narrativa da mulher-mãe-esposa, que empresta ao leitor sua visão, inicialmente, enaltecida e, posteriormente, pejorativa da amante. O vestido e os corpos compõem um duo atemporal, permanente, carregado de sentidos, marcado pela imanência e transcendência que reportam a uma crítica sutil, de modo a simbolizar certa resistência da mulher-mãe. Dependurar na parede o objeto de seu infortúnio, visando ativar a consciência contra o esquecimento, pode ser, também, uma forma de resistência, à qual o marido ignora.

É cara à filosofia de Simone de Beauvoir a opção pela defesa de que a mulher se torna mulher porque vive, refutando a ideia de que a mulher é um conceito universalizado e estático. Nessa medida, como sujeito imanente, a mulher é definida, portanto, pela sua corporeidade. A relação entre a trama do poema e a filosofia de Beauvoir sugere leituras do corpo não fixado pelo patriarcado, por se tratar de corpos vivos, porém, são corpos afetados de modo desigual pela relação que impera entre a atemporalidade do homem no poema e o modo como esta se impõe à condição feminina. Em síntese, é coerente afirmar que o poema não trata de maneira clara a transgressão da ideia de corpo submisso, como sugere a obra da filósofa ao denunciar o legado da humanidade às mulheres. O poema, no entanto, entrelaça e enuncia histórias de vida, marcadas pelo silêncio, e pela submissão das filhas à memória do pai. E, nem a mãe, nem as filhas, nem mesmo a amante, que poderia ser entendida como subversiva, quando na verdade também é abandonada, e sofre os infortúnios do tempo sobre o próprio corpo, perdendo o viço que encantou o homem, podem ser entendidas como mulheres transgressoras. Contudo, o corpo é o mesmo analisado por Beauvoir, e o vestido, entregue à mulher traída, é a objetificação de uma memória para a mãe, a amante, e o homem, e, quem sabe, de um devir, para as filhas.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond. Caso do vestido. In: ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 23.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Nova Fronteira, 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*, Maceió, v. 4, n. 1, p. 231-245, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/issue/view/11>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- TROMBETTA, Elisângela Melnik; PINTO, Fabio Machado. Gênero, origem social e (auto) biografia: processos de formação e relação com a escolaridade. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 1-14, 2020.

Recebido em: 15/12/2021.

Aceito em: 08/07/2022.